

Colóquio Internacional Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br



Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas
Grupo de Análise de Telejornalismo



Um olhar comunicacional sobre o programa *Mano Brown no Roda Viva*

Denise Figueiredo (UFMG)
Cirlene Cristina de Sousa (UFMG)

Resumo

Neste artigo, tecemos uma análise comunicacional da situação de entrevista ocorrida na emissão *Mano Brown no Roda Viva*, veiculado no dia 27 de setembro de 2007, na TV Cultura. Para tanto, tomamos o ato comunicacional, na qual os sujeitos modelam o seu comportamento a partir da compreensão da postura do outro e buscam estabelecer uma relação interativa por meio do partilhamento de sentidos e experiências. Para desenvolvermos esta análise tomamos a noção de gestos significantes, desenvolvida por Mead (1995); o conceito de quadros de sentido, de Goffman (1974) e a noção de incomunicabilidade, trabalhada por Pasquali (1975) e por França (1978). Partindo desses conceitos e da análise do objeto empírico, percebemos a instauração da incomunicabilidade, visto que a relação transcorre como uma reafirmação de um lugar de fala sem se deixar afetar pela presença do outro e sem permitir o questionamento das referências pessoais.

Um olhar comunicacional sobre o programa Mano Brown no Roda Viva

A proposta de se lançar um olhar comunicacional sobre o programa *Roda Viva*, surgiu após a emissão do programa *Mano Brown no Roda Viva*, veiculado no dia 27 de setembro 2007, na TV Cultura, cuja repercussão que teve nos periódicos e sites sobre mídia e televisão que destacaram a falta de eloquência do entrevistado e o

desapontamento para com a qualidade da entrevista que, de modo geral, teria sido branda e sem intervenções incisivas. A partir disso, nos propusemos fazer uma análise comunicacional desta situação de entrevista para identificarmos a dinâmica interativa daquele momento. Além disso, buscamos também compreender quais foram as marcas da situação interacional que permitiram que a entrevista fosse caracterizada como lenta, suave e fraca e que se atribuísse essas características à falta de eloquência do entrevistado.

Para tanto, é necessário primeiro conceituar comunicação. Partimos aqui das contribuições de França (2002), que nos oferece algumas premissas norteadoras de um olhar comunicacional e de um modelo analítico próprio da área, denominado paradigma relacional, em que a comunicação se caracteriza como um processo de trocas simbólicas em um dado contexto relacional. Neste paradigma, entende-se que o modo de olhar os sujeitos no mundo requer a operacionalização de uma dinâmica de mão dupla (a reciprocidade entre os indivíduos e a sociedade) para se perceber a pluralidade dos elementos relacionais aí contidos. Maia e França (2003) esclarecem que o viés comunicacional se constrói na apreensão de como esse cenário, essas forças e valores se fazem discursos na identificação dos interlocutores e dos lugares de fala; nos posicionamentos dos atores e na caracterização do papel dos diferentes dispositivos midiáticos. É precisamente a partir da interação entre os vários discursos produzidos na dinâmica social que se busca construir o paradigma relacional da comunicação.

Louis Quéré (1991) também sistematizou um modelo analítico para a Comunicação, o modelo praxiológico, que em muitos pontos se aproxima do paradigma relacional. A concepção de comunicação de Quéré também não se baseia em uma dicotomia entre os mundos objetivo e subjetivo, mas sim em uma “atividade organizante”, através da qual os sujeitos constituintes de uma comunidade organizam-se e coordenam suas ações, mutuamente, nesse espaço. Essa atividade é mediada simbolicamente por indivíduos que compartilham os mesmos códigos e constroem um quadro comum de significações. Ao analisar os tradicionais estudos sobre a comunicação, o autor contradiz a idéia de que a comunicação seja um processo de

transmissão de informações, de aquisição de conhecimentos e as questões que daí advém: o processo enquanto uma boa ou má aplicação do código, com o objetivo de despertar no outro a imagem adequada (depositar no outro a informação sem distorções) e a linguagem como algo puramente representacionista.

Ao procurar entender a comunicação como ação comum, conjugada (“a modelagem mútua de um mundo comum em meio a uma ação conjugada” Quéré, 1991, p.7), o autor destaca ser preciso uma disposição mútua dos interlocutores para estar em relação.

Ao se relacionarem, os sujeitos em comunicação compartilham quadros de sentido e, nesse processo, vão sendo conjugadas intencionalidades que tornam pertinentes os termos constituintes da situação relacional. Assim, a intencionalidade de um se articula com o posicionamento do outro e com o que é pertinente face ao espaço de convivência em que estão situados. Se a natureza da relação estabelecida prevê o “estar junto” como um momento não só de co-presença, mas de partilha e mútua-afetação, podemos analisar tal interação como comunicativa, como relacional.

É a partir dessa compreensão, da situação comunicativa como um momento de troca em que os sujeitos se posicionam sempre guiados pela posição do outro, que trabalhamos com o conceito de Mead (1993) de *gesto significante*. Para ele, a comunicação estabelecida entre os sujeitos se dá por meio dos gestos que tem como função alimentar a relação, estimulando o engajamento na situação interativa. No entanto, ele estabelece distinções entre os tipos de gestos e dá destaque para o que denomina *gesto significante*. Para Mead, esse tipo de gesto é diferente justamente porque é revestido de um componente simbólico que carrega de significado o gesto. Deste modo, esses gestos se tornam elementos importantes por terem o poder de incitar uma interpretação nos sujeitos implicados na relação. O gesto significativo é então uma forma de linguagem que apela para sentidos partilhados socialmente e que traz significação às mensagens trocadas, estabelecendo assim uma relação comunicativa.

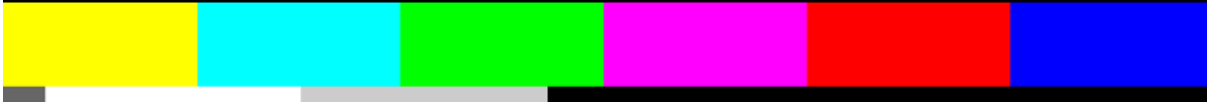
Segundo Mead, os sentidos não são inerentes aos gestos, são construídos socialmente e, ao serem partilhados, atualizam as referências dos sujeitos engajados na situação comunicacional. Embora o gesto significante se reporte a uma experiência

comunicativa precedente, o seu sentido não é antecedente ao momento de ação interlocutiva, sendo elaborado pelos indivíduos mesmos na situação. Mead destaca que é pelo engajamento na ação interativa que os indivíduos, a partir de uma consciência de si mesmos e do outro, passam a guiar a sua ação tendo em vista a implicação que seu posicionamento terá no outro. É então por meio dessa compreensão da comunicação como inserida numa ação social que atua por meio do compartilhamento e construção de gestos significantes que queremos compreender a complexidade da situação de entrevista ocorrida no *Mano Brown no Roda Viva*. Para desenvolvermos essa análise percebemos a necessidade de se ter uma boa compreensão da situação interativa. Assim, também nos valem das contribuições de Goffman (1991, 1999) para pensarmos a situação interativa, a atuação dos indivíduos, a construção de um quadro significativo e a cooperação visando o desenvolvimento da interação.

Para Goffman, a dimensão contextual é vista como imprescindível para se desenvolver um posicionamento adequado na situação. Ele destaca que existem dois tipos de contexto: o contexto mais amplo e o contexto situacional. O primeiro diz das condições sócio-históricas que situam os indivíduos e definem a pertinência das informações num panorama mais amplo; já o segundo se refere à situação nela mesma, aos elementos do cenário, à disposição dos indivíduos e das referências anteriores que se tem do outro e da situação que são atualizadas no momento do encontro.

Já os *quadros de sentido* são princípios organizativos que estruturam os elementos de uma dada situação e o engajamento dos indivíduos nela. Estes quadros são, portanto, uma espécie de moldura com os quais se reveste os diferentes objetos e práticas e os encaixa numa estrutura ordenada. Como destaca França (2002), os quadros de sentido se referem às diferentes maneiras de legitimar e ordenar ações e discursos num todo coerente. O repertório dos indivíduos estaria repleto de quadros que permitiriam emoldurar diversas situações a fim de que se possa modular o seu comportamento e compreender a dinâmica das interações.

Goffman destaca também que o momento de interação é guiado, basicamente, por duas intenções: a de projetar a própria imagem para o outro e a de



administrar, controlar e apreender o olhar do outro de modo que seja possível reajustar a própria projeção. Essas intenções só podem se realizar por meio da compreensão detalhada e cautelosa dos elementos que compõe a interação e a partir do que os indivíduos dão a ver ao fazerem uso da própria aparência, do corpo e dos elementos que estão presentes no ambiente. Embora Goffman saiba que as ações não são milimetricamente planejadas pelos atores, ele demonstra que é por meio dos detalhes e das sutilezas do comportamento e da fala que se torna possível extrair elementos que permitem a compreensão do comportamento do outro e, inclusive, da imagem que ele deseja projetar de si.

Deste modo, para uma atuação coerente com a situação, é necessário que os indivíduos tenham uma boa compreensão da situação em que estão inseridos; podendo, por meio de uma compreensão refinada da situação, modular suas ações em conformidade com as exigências da situação e com o posicionamento dos outros indivíduos envolvidos. Contudo, o Goffman não deixa de destacar que os indivíduos, por mais que tenham se preparado para agir de acordo com a situação, não são capazes de controlar todos os elementos, de modo que sempre se encontram em uma posição de vulnerabilidade. Com isso, Goffman destaca que os indivíduos devem estar preparados para agir em situações imprevistas e estarem alertas para poderem lidar com essa ampla gama de perturbações que pode atravessar a ordem da interação. Em suma, Goffman entende que “quando estão em presença um do outro, os indivíduos estão admiravelmente colocados para partilharem um centro de atenção comum, para perceberem o que fazem, e para perceberem essa percepção” (1999, p.198).

Surge então uma dúvida: se não houver construção partilhada de sentido e um quadro de mútua-afetação, ainda assim a situação poderia ser entendida como comunicativa? Se não há este acordo afetacional, não pode haver compreensão, pois a inteligibilidade e a comunicação se dão simultaneamente. O sujeito da comunicação não pode falar sozinho, visto que não pode se construir sem a co-participação de outros sujeitos no processo de interação. A relação comunicativa não se faz por um puro comunicado. Quando isso acontece, temos uma situação de incomunicabilidade, uma não comunicação, caracterizada pela impossibilidade de afetação entre os pólos

da relação. Destituída de qualquer esforço próprio de criação e de crítica, a relação se faz mecânica.

Pasquali (1973) chama de incomunicabilidade uma relação de mera informação, na qual os interlocutores perdem a ambivalência própria de um processo de comunicação, substituindo o diálogo por um dizer ordenado, sem possíveis réplicas entre as partes: fica somente uma individualidade que se quer fazer entender sem entender o outro; ou alguém que só deve entender sem ser entendido (“*Surdo transmissor, mudo receptor*”. Pasquali, 1973, p.16). Para Pasquali, quando a desproporção entre os interlocutores aumenta a ponto de atrofiar a intercomunicação; quando há uma fala que monopoliza a fala do outro diminuindo a força expansiva da relação, cria-se uma situação de incomunicabilidade.

Ao tratar a incomunicabilidade, França (1978) busca mapear quais elementos bloqueiam as possibilidades de se instaurar uma situação comunicativa e se debruça sobre os momentos em que a incomunicabilidade acontece. Ela destaca que a comunicação e o acesso à palavra, por serem inscritos no processo social, refletem as relações entre os homens e se estabelecem de acordo com a distribuição de poder que marca essas relações. Quando essas relações estão instauradas e inflexíveis, a comunicação não leva à participação e autonomia de seus sujeitos, ela se caracteriza antes como incomunicação, como um processo de fechamento, monopólio, não acesso à palavra. Portanto, uma situação de não comunicação se refere à impossibilidade de cooperação, traduzidas em situações mecânicas, destituídas de qualquer esforço próprio de criação e crítica, falta de abertura entre os pólos comunicantes, falta de compartilhamento dos quadros de sentido.

Análise do objeto empírico

Conforme foi dito no início deste artigo, o nosso objeto de estudo é a emissão *Mano Brown no Roda Viva*, cuja polêmica que seguiu a essa emissão remetia a críticas feitas à dinâmica da entrevista. Partindo para a análise, buscamos apreender a trama de sentidos tecida naquela relação, tendo em vista uma compreensão global da dinâmica que a regeu. No desenrolar do trabalho, percebemos que ocorreram, com

grande frequência, divergências quanto à colocação de quadros de sentido o que levou a disjunções e truncamentos na dinâmica da relação. A partir dessa constatação, decidimos destacar essas situações para avaliarmos como se deu o processo de negociação e partilha entre o entrevistado e os entrevistadores e se a relação pode ser caracterizada como uma relação comunicacional — conforme a perspectiva afetacional e cooperativa para a construção de sentido. Para operacionalizarmos tal análise, dividimos os momentos de tensão e disjunção por categorias temáticas, sendo elas “influências do dispositivo na ação”; “dimensão social e simbólica do rap”; “mudanças na linguagem e tensionamentos de sentido” e “valores: compreensões afetadas pelo local”.

a) *Influências do dispositivo na ação*

Como ponto de partida para a apreensão da nossa análise, procuramos perceber como se estruturam as lógicas interacionais dentro da emissão *Mano Brown no Roda Viva*. Na perspectiva de Braga (2007), os processos de tensionamento são a dinâmica principal do programa¹, embora eles nunca sejam excessivos; e está pautado pela experiência de vida do entrevistado, abrigando assim uma ampla gama de temas. O cenário se estrutura de forma a contribuir para o desenvolvimento das entrevistas e manter a dinamicidade. Ao colocar o entrevistado no centro, cria-se uma simulação de cercamento, insinuando assim que, o entrevistado está na “berlinda”.

Na perspectiva de Braga, a entrevista se faz por um processo agonístico, um processo polêmico. De um lado, temos o tensionamento provocado pelos diferentes olhares dos entrevistadores sobre aquela situação de interação específica; por outro, temos o convidado que é também um ponto de tensionamento, pois ele sofre o questionamento, improvisa respostas, defende-se, coloca-se. Para Braga,

¹ O programa *Roda Viva* é uma produção da TV Cultura de São Paulo e é transmitido ao vivo todas as segundas-feiras, das 22h30 às 24h00. No quadro dos participantes, temos o mediador, cuja principal obrigação é fazer o programa fluir; e os entrevistadores, formados por jornalistas convidados e pessoas públicas e o entrevistado, que deve ser representativo de um âmbito público reconhecido pela população informada nas áreas de artes, cultura, literatura e das coisas públicas. Com essa variedade busca-se uma diversidade pertinente de olhares sobre o convidado e/ou sobre a situação em que este se inscreve.

O processo concorre, em tudo, para assegurar um programa interessante. Pequeno *frisson* de tensionamento; habilidades dos floreios verbais; competição inevitável entre os entrevistadores pelo tempo de fala e por fazer perguntas inteligentes, mantendo a bola em jogo. Avançando a metáfora, pode-se levantar a bola para que o entrevistado faça um belo corte; ou dar um lance difícil para ver como ele rebate ou se defende. (Braga, 2007, p.105-106).

Todavia, ao nos debruçarmos sobre a situação interativa dessa emissão específica, notamos que a relação entre os entrevistadores e entrevistado não cumpriu a promessa da polêmica, da tensão. Assim, no momento em que um e outro acenavam seus quadros de sentidos, acabaram por justapor esses quadros, sem estabelecer um processo de compreensão ou entendimento entre os sujeitos envolvidos. Também notamos que, durante a entrevista, havia certo receio por parte dos entrevistadores de tencionarem pontos polêmicos da vida do entrevistado. Esta situação fica clara no diálogo abaixo:

PAULO LIMA: Brown, tem uma notícia muito engraçada, a manchete na verdade é engraçada, curiosa. De 2004. Junho de 2004: Mano Brown paga fiança é solto e chora. Não vou nem entrar nesse assunto dessa notícia. Mas queria saber a última vez que você chorou, se você lembra ou o que foi?
MANO BROWN: Essa manchete foi mentira, não chorei nada.

Neste caso, a fala do jornalista indica certo receio em se polemizar a temática da reportagem, desviando a discussão para uma questão menos instigante. Embora a escolha do entrevistado tenha indicado que haveria discussões mais intensas — visto que o rapper é considerado controverso, radical e não gosta de dar entrevistas aos meios de comunicação — o agonístico não se estabelece e as perguntas e as respostas são sempre desconexas. Isso se torna tão destacado que o próprio entrevistado faz uma avaliação amena da entrevista ao dizer: “eu já vi cara levar pancada aqui (...) hoje eu to achando suave, não sei porquê...tô até estranhando”.

b) *A dimensão social e simbólica do rap*

O primeiro movimento do programa é trazer o contexto mais amplo que atravessará a interação a partir do relato da vida de Mano Brown, destacando alguns elementos biográficos. Esta biografia é tecida com o intuito de articular um mínimo de informações sobre o entrevistado de modo que seja compreendida a sua relevância.

A apresentação de Mano Brown, longe de ser estruturada com informações aleatórias para a simples identificação do entrevistado, é um trabalho de emolduração de Mano Brown como um indivíduo engajado com questões político-sociais e preocupado com a formação dos jovens moradores de favela.

PAULO MARKUN: ele faz da sua música um protesto e uma denúncia contra o racismo, o crescimento urbano caótico e a dura vida nos bolsões de pobreza da cidade.

Após essa apresentação, pudemos perceber que se instalou no programa duas posições: o enfoque de Mano Brown como um cantor de rap politizado e envolvido com movimentos de consciência negra e o entendimento de que todo cantor de rap deve manter uma postura semelhante, insinuando que o rap tem como finalidade última (e em alguns momentos única) tratar das tensões sociais.

Mano Brown assume o seu perfil politizado, seu engajamento em questões sociais e o teor crítico de suas músicas; no entanto, ele nega sistematicamente que deva ser um modelo para os jovens. Renato Lombardi questiona sobre o que ele faz para “entrar na cabeça dos jovens” e prossegue dizendo que ele é um exemplo para a juventude. À parte a compreensão transmissivista de comunicação que o jornalista tem do processo comunicativo ao questionar os métodos de se “entrar na cabeça” dos jovens, temos uma demonstração evidente do quadro de sentido proposto para se pensar Mano Brown no programa. Compreendendo o peso deste enfoque e das armadilhas que ele traz, Mano Brown se apressa em dizer que ele não é um exemplo, mas uma exceção. Ele diz que quer ser livre e não aceita tomar para si a responsabilidade da orientação da vida dos jovens de periferia e demonstra não concordar com a perspectiva de que todos os jovens da periferia poderiam ter um comportamento semelhante ao dele, bastando para isso tê-lo como referência, ao dizer que ele não se configura como um exemplo, mas como uma exceção.

RENATO LOMBARDI: Mas as mensagens que vocês passam, me explica, vocês conseguem entrar na cabeça? a letra é essa, o caminho é esse, eu vou cair fora do roubo, vou seguir o meu caminho. Você é um exemplo disso.

MANO BROWN: Eu sou uma exceção. Eu não diria que eu sou um exemplo porque eu não sou um exemplo nem para o meu filho.

E mais adiante

RENATO LOMBARDI: Mas você sabe a responsabilidade que você tem?

MANO BROWN: Não sei.

RENATO LOMBARDI: Não sabe?

MANO BROWN: E não quero ter, entendeu? Quero ser livre. Eu sou um cara livre. Esses fardos eu não aceito, não pego.

(um pouco mais tarde)

RENATO LOMBARDI: Por isso eu te falei da responsabilidade, eu sou jornalista, então a gente denuncia, a gente critica, a gente investiga. É o que é o teu caso, você passa a mensagem, a tua mensagem vai para muita gente, vai para o garoto de 12, 13 anos, até o adulto. Que está naquele, no barco que está para ir e não vai. Isso que eu perguntei.

MANO BROWN: Veja bem o mundo que a gente vive. Eu tenho que ter consciência que é o seguinte, os Racionais é um grupo de rap, o rap é um gênero. Existem outros vários gêneros musicais onde a juventude ouve. Não ouve só o rap. A periferia não ouve só o rap.

A segunda posição, que entende o rap como um gênero musical, tem como objetivo tratar das tensões sociais vividas na periferia. Ela é questionada por Mano Brown pela sua estreiteza, pois a ênfase dada ao rap denunciativo de conflitos sociais acaba por se tornar o elemento estruturador das perguntas elaboradas pelos entrevistadores. Ao se dar conta deste enquadramento, Mano Brown indica que o rap, além de tratar de múltiplos temas, é um gênero musical que funciona como um meio de socialização, uma forma de comunicação, que cria formas discursivas e gírias próprias entre parceiros da música e da vida.

MANO BROWN: Eu não estou na fase de exigir um controle de rap esse discurso social. O rapper é um músico, acho que ele tem que falar de sociedade o que ele sente. Se não sente não tem que falar, não é porque é rapper que tem que falar de problema crônico, sociedade e tal. Acho que o cara tem que ser livre, o compositor, o letrista. Você não pode chegar, pegar o moleque que está agora começando dentro da casa dele, num cômodo e jogar: "Fala desses problemas aqui que é a sua cara". Jogar um fardo de 200 quilos nas costas do moleque sendo que dentro da casa dele ele não tem o mínimo para ele. Entendeu? Ele tem que lutar pela vida dele, e o rap é isso também, é lutar pela sua própria vida também, individual, lutar pela sua sobrevivência.

Se para os entrevistadores o rap é discurso social, para Mano Brown ele é música, linguagem, manifestação cultural, meio de sobrevivência e ato político. Para além da dimensão social/denunciativa do rap, Mano Brown ressignifica o papel do rap acrescentando as funções de criar identidades de grupo, de construção de valores e a criação de elementos estéticos e de linguagens.

Tanto entrevistadores como entrevistado vão emparelhando seus entendimentos acerca desse gênero musical, restringindo o espaço para o processo de refundação do próprio tema em questão – o rap. Fica evidente, portanto, a falta de sintonia entre os pólos comunicantes que emolduram seus posicionamentos e os sentidos não são compartilhados. A dimensão social e a dimensão simbólica do rap parecem ser elementos que não podem dialogar.

c) Mudanças na linguagem e tensionamentos de sentido

Interessa-nos, ao discutir as mudanças que ocorrem na linguagem, perceber como a atribuição de novos sentidos e a criação de novas expressões podem ser partilhadas e atualizam compreensões de mundo na relação comunicacional. Neste tipo de relação, a partilha de sentidos e a realocação de termos comunicam em dois níveis: na expressão enquanto significação que apela para um vocabulário comum ao grupo (ou a ser atualizado) e na ligação que ela cria entre a ação situada e a história de vida do indivíduo. Também entendemos que os processos de renomeação dizem de uma necessidade dos indivíduos de instalar uma outra base de referentes para as coisas do mundo, uma vez que eles podem julgar que as denominações recorrentes não dão conta da realidade em que eles estão inseridos.

Num dado momento, quando o assunto é a relação entre o traficante e os moradores da favela, Mano Brown questiona a denominação “traficante”.

MANO BROWN: O, entre aspas, que vocês chamam de traficante, eu chamo de comerciante, o cara que comercializa cocaína, vamos dizer assim já abertamente, ou a maconha, ou qualquer tipo de droga é um comerciante como qualquer outro.

RENATO LOMBARDI: que leva as pessoas para a cadeia ou para o cemitério, né?

MANO BROWN: Agora, o dono da 51 não tira a cadeia por causa dos litros que ele vende. Na Ambev ninguém vai para a cadeia. Toma quatro garrafas de cerveja e você vai ver como você não bate o carro. Você vira o super homem na Marginal. Ele não vai tirar cadeia. Filho dele não vai ficar manchado como o filho do ex-presidiário. O que faz mais mal, uma dose de 51 ou o cigarro de maconha? Teria que ter um médico aqui. Para se falar de droga tem que ter um médico.

PAULO LIMA: Não precisa usar para saber, dá para responder, é 51, disparado.

MANO BROWN: Esses caras não vão presos, porque eles não são pretos, não são, certo, não são morador de favela, não são morador de periferia, eles não vão preso. Agora um comerciante de maconha ele vai preso.

Assim, quando Mano Brown se refere ao traficante de drogas como um comerciante ele está negando o nome “traficante” como válido. Vemos que essa discussão de nomenclatura, embora possa parecer, num primeiro momento, uma questão apenas pertencente ao campo da linguagem, não passa ao largo de questões sociais. Nas formas de se renomear ficam evidentes as fissuras do mundo social e as diferenças contextuais que marcam o lugar de fala de cada indivíduo. Vemos que esse momento da entrevista se evidencia a assimetria entre os repertórios do entrevistado e do entrevistador; pelo embate que percebemos essa diferença e o desinteresse de ambas as partes em se renomear ou rediscutir a renomeação, o que acaba por truncar a interação, já que cada um queria apenas reafirmar a própria posição frente ao outro, sem se deixar afetar, sem se proporem a construir um outro quadro de sentido que desse conta das dissonâncias da vida social.

d) *valores: compreensões afetadas pelo local*

Nesta categoria, nós percebemos que existe uma diferença elementar ligada à perspectiva com que são enquadrados os valores morais. Se para os entrevistadores os valores são partilhados socialmente e os indivíduos devem atuar de acordo com as regras sociais, para Mano Brown é preciso perceber que os indivíduos que são marginalizados não seguem essa lógica ampla de aplicação dos valores, pois a sociedade a que se sentem pertencentes é mais localizada, de modo que os valores ganham validade e são postos em prática nas relações ligadas à comunidade a que pertencem. Deste modo, para o rapper, é pela compreensão da situação que os indivíduos modelam o comportamento. Um exemplo dessa diferença de compreensão de um quadro situacional ocorre quando entrevistadores e entrevistado discutem a honestidade.

PAULO LINS: Tem bandido no Poder Legislativo, tem ladrão no judiciário, tem ladrão no executivo. (...)É muito difícil falar com um garoto pobre, preto que vive na periferia, que ele tem que ser honesto?

MANO BROWN: Eu chego a dizer que eu nem considero eles desonestos, né? Dentro da realidade das armas que eles têm para lutar, do que eles aprenderam como meio de sobrevivência eles são honestos (...)Eles são honestos com quem é honesto com eles. Onde está a honestidade são valores, né?(...) a nossa sociedade é criminoso. É omissa. Ela é cega quando quer, surda quando quer. Omissão é

crime, né? Então, acho que se você for categoria de criminosos, tá todo mundo na mesma, na igual.

PAULO MARKUN: Mas essa a saída não seria a lei para todo mundo?

MANO BROWN: Mas a lei não é para todo mundo, nunca vai ser para todo mundo.

JOSÉ NEUMANNE: Mas, espera aí, a maioria é honesta, a maioria trabalha (...). Nós não podemos considerar como regra o fato de haver políticos bandidos, empresários desonestos que a nossa sociedade... ao contrário, o verdadeiro herói brasileiro é aquele que se levanta às 4h da manhã e caminha a pé de sua casa lá no Capão Redondo e trabalha, muitas vezes lutando com a maior dificuldade para ser honesto.

MANO BROWN: parece letra de rap isso aí que você está falando. É utopia igual. Infelizmente, na realidade a gente sabe que os heróis são cada vez mais humilhado, né? Sem direito, sem escola, sem hospital, então os moleques passa a ver que ser herói não vale tanto a pena, entendeu? Herói que só apanha... tá ligado?

Daí compreendemos que os entrevistados, além de tomarem a honestidade como um comportamento regido pelas regras sociais, não estão atentos para a incongruência de se cobrar um comportamento uniforme de indivíduos em situações tão diversificadas e, é claro, desiguais. Já Mano Brown, ao localizar o valor, transfere o caráter de lealdade para a aplicação da honestidade, tendo em vista o contexto em que estão inseridos os moradores de favela. Essa diferente forma de recortar o contexto de inserção do comportamento social se torna então o elemento em que se baseia a incompreensão entre os interlocutores.

Essa situação é também percebida na análise da corrupção política proposta por Paulo Lima, jornalista da Trip:

PAULO LIMA: O que você está achando, por exemplo, da forma como o Presidente Lula tem se posicionado diante dessas confusões envolvendo o PT, dessas denúncias de corrupção e tal. Queria que você falasse um pouquinho do Lula, especificamente.

MANO BROWN: (...) Eu acho que o Lula, ele é um cara que veio de baixo, certo. Ele sabe que dar a cabeça dos amigos dele para os inimigos ele não vai dar, entendeu? Ele vai esperar a justiça se fazer por conta própria e acho que ele está posicionado certo. Acho que não é da índole dele entregar um amigo dele que deu mancada, entendeu? Ele não faria isso. Eu acho que ele sabe o que é que é isso. Ele não faria isso. Agora, ele vai deixar descobrir e se descobrir é pau no gato, é lamentável.

Mano Brown traduz o problema da corrupção para uma experiência pessoal – o modo como um morador da periferia lida com os erros dos amigos. Para ele, essas pessoas podem ser punidas, mas esta punição teria que vir por outro caminho que não o da delação. Assim, Mano Brown não resgata a questão da omissão; sua avaliação é

perpassada por outras maneiras de legitimar e ordenar o problema da corrupção. Aqui, novamente, percebemos o desencaixe dos *quadros de sentido* de ambos os interlocutores, pois a discussão perde o fôlego por causa do engessamento dos pontos de vista. Com isso, não há espaço naquela situação para o cruzamento de experiências vividas, para a construção e o partilhamento de sentidos postos.

Conclusão

A nosso ver, a relação comunicacional se dá por um processo de mútua-afetação e de cooperação e a incomunicabilidade por uma situação em que somente se diz sem se deixar envolver e afetar pela presença do outro. Todavia, ressaltamos que a comunicação não é a busca por um consenso advindo da partilha, nem um espaço livre de tensionamentos. Muito pelo contrário, é uma relação em que o sentido é construído pela ação engajada dos indivíduos que tentam compreender o outro para melhor dizerem de si e para atualizarem suas percepções de mundo. Segundo França, “o mundo em que vivo é aquele que construo e do qual me aproprio pelos discursos que pronuncio e que recebo, pelas interlocuções das quais participo”(França, 2002, p.38). Ou seja, é por meio do nosso universo de interlocução e de ação que construímos e utilizamos nossos quadros de sentido, é no domínio de nossas práticas, de nossos discursos, que dizemos o “nós” e dizemos o “outro”.

Assim, ao olhar para a emissão *Mano Brown no Roda Viva* percebemos uma grande freqüência de disjunções devido à incompreensão e identificamos uma situação em que os quadros de sentido foram justapostos, emparelhados, o que acabou por evidenciar essa incompreensão da fala do outro, essa não-afetação pelo comportamento de outro. Deste modo, configura-se uma situação de incomunicabilidade, em que se busca sempre dizer e situar o outro numa posição tal que ele se nega a assumir e, o mais surpreendente dessa relação, o indivíduo que busca posicionar o outro parece não dar conta dessa negação.

Referências bibliográficas

BRAGA, J.L. _____. Roda Viva: uma encenação da Esfera Pública. In: DUARTE, E. B; CASTRO, M. L. D (orgs.). *Comunicação audiovisual: gêneros e formatos*. Porto Alegre, Sulina: 2007 (Coleção Estudos sobre o audiovisual).

FRANÇA, Vera R.V. *Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H. MEAD*. Texto apresentado à Compós no GT “Epistemologia da Comunicação” em junho de 2007. (p. 1-17) (versão mimeo)

_____. Quéré: dos modelos de comunicação. São Leopoldo: *Revista Fronteiras*, v. V, n.º. 2, 2003. (p.37-51)

_____. Discurso de identidade, discurso de alteridade: a fala do outro. In. César G. Guimarães, Paulo Bernardo F. Vaz, Regina Helena Alves da Silva; Vera Regina Veiga França (org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOFFMAN, Erving. A ordem social e a interação. In: WINKIN, Yves (org.). *Os momentos e os seus homens: textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, 1999. (p.99-107)

_____. A ordem da interação. In: WINKIN, Yves (org.). *Os momentos e os seus homens: textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, 1999. (p.190-235)

_____. *Les cadres de l’experience*. Paris: Minuit, 1991

MAIA, R. C; FRANÇA, V. R. A comunidade e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos. In: LOPES, M. I. V de; FUENTES N, R. *Epistemologia da comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2003. cap. 1. p.187-204.

MEAD, George H. Espiritu. *Espírito, persona y sociedad*. México: Paidós, 1993.

PASQUALI, Antônio. *Sociologia e comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.

QUÉRÉ, Louis. D’un modèle épistémologique de la communication a un modèle praxeologique. *Réseaux* n.º 46-47 CNET, 1991 (versão mimeografada traduzida por: Lúcia Lamournier Sena e Vera Lúcia Westin. (p.1-31))